

## Para compreender «Os Lusíadas»

Amélia Pinto Pais  
(Fora do Texto, 1988)

### IX CAPÍTULO

#### O AMOR

##### I. Sua importância e tipos

É pela relação amorosa que o homem atinge a divindade, ultrapassando-se naquilo que tem de fraco como “bicho da terra”, ao muito bem nos é explicado por Camões na Ilha dos Amores, «nação de Vénus e de Cupido destinada a recompensar os cansados navegadores, mas, também, a repor a ordem num universo em que í homens parecem desconhecer o verdadeiro sentido de amar, mergulhados que estão no egoísmo, no individualismo, nos luxos e prazeres fáceis.

O amor assume, assim, dentro do Poema, uma importância capital que justifica que lhe dediquemos um capítulo deste trabalho.

Digamos que Camões se apercebe da existência de dois tipos de amor: o amor sublime, elevado, que nobilita; e o amor que ele designa por “baxo amor” e de que diz que “os fortes enfraquece”.

O amor sublime encontra-se profundamente exemplificado n’Os Lusíadas: é o amor que se assume a nível dos deuses e do seu contacto com os homens, na Ilha de Vénus; mas é também, o amor que enche as personagens femininas da “Formosíssima Maria”, de Inês de Castro ou a das Mães e Esposas que manifestam a sua angústia face à partida de filhos e companheiros para uma viagem incerta e cheia de perigos. É ainda o amor assumido à maneira cavaleiresca que faz “voar” Magriço em defesa de sua dama ultrajada (“Doze de Inglaterra”, VI, 42 e ss.) ou dizer a Lionardo lindos versos de cunho petrarquista à sua ninfa fugidia (IX, 75-81).

O amor assumido a nível dos deuses é o amor que leva Vénus a proteger os portugueses e, para o conseguir, a seduzir eroticamente o Pai Júpiter (II, 34-42) ou os ventos em fúria. É igualmente o amor feito de sensualidade e erotismo que se vive na Ilha de Vénus e que dignifica os homens, assim participantes da natureza divina.

Camões exprime de maneira muito bela e sugestiva o amor sensual —. como vimos, na descrição das cenas vividas na Ilha dos Amores. Mas fá-lo igualmente quando descreve Vénus a ir ter com o Pai. quase nua, seduzindo-o de modo muito feminino, pelo choro e pelo corpo deslumbrante que mostra:

*“Andando as lácteas tetas lhe tremiam*

(...)

*Polas lisas colunas lhe trepavam*

*Desejos que como hera se enrolavam.” (II, 36)*

Não há em Camões o sentido do pecado tal como era veiculado pela moral cristã tradicional. O corpo é instrumento de amor e de amor nobre, sublime, visto que, pela sua realização total, o erótico se espiritualiza e se eleva a valor supremo.

A nível humano, como atrás fica dito, o amor sublime é o amor da mulher, esposa, mãe, companheira, visível, por exemplo, nos episódios da “Fermosíssima Maria” e de “Inês de Castro”, bem como na cena dolorosa da despedida em Belém.

## **2. “Fermosíssima Maria” (III, 102-106)**

Em apenas 5 estrofes, Camões apresenta-nos Maria, filha de Afonso IV, intercedendo junto do pai, pedindo a sua ajuda contra os Mouros que invadem Castela. A pequena narrativa está cheia de sugestões plásticas sobre a beleza de Maria — “fermosíssima”, “lindo o gesto”, “cabelos angélicos” — contrastando com a sua tristeza — “olhos em lágrimas banhados”, “chorando”. Maria é **a mulher** — amada, bela, triste e chorosa. No discurso que dirige ao “pai ledo que a agasalha” passa das considerações mais ou menos impessoais sobre o fortíssimo poder dos mouros, para o campo do pessoal, responsabilizando de certo modo o pai pela sua situação futura: “Aquele que me deste por marido” e, concluindo:

*“E, se não for contigo socorrido,*

*Ver-me-ás dele e do Reino ser privada:*

*Viúva e triste e posta em vida escura,*

*Sem marido, 'sem reino e sem ventura.”*

É o amor da esposa e da amante que se vê em risco de ficar só e triste e que vai deste modo conseguir que o Pai socorra Castela.

## **3. “Inês de Castro” (III, 118-135)**

E considerado por muitos o mais belo episódio de amor d’Os Lusíadas. Encontra-se muito bem estruturado este episódio, que comporta uma Introdução (III, 118-9); Antecedentes (“as memórias de alegria” — est. 120-22); Acção central — morte de Inês (est. 123-132); e considerações finais (est. 133-35).

Inês é a “linda Inês”, mulher belíssima e apaixonada que ensina “nos saudosos campos do Mondego” aos “montes e às ervinhas” “o nome que no peito escrito tinha(s)”. É também a mulher correspondida e vivendo

*“Naquele engano de alma ledo e cego*

*Que a Fortuna não deixa durar muito.”*

É finalmente a esposa e, sobretudo, a Mãe, que teme pelo desamparo dos filhos e apela à piedade do rei e avô e ao seu perdão por “uma culpa que não tinha”. A sua morte será um crime, contrário ao código cavaleiresco;

*“Contra hũa dama, ó peitos carniceros.*

*Feros vos amostrais e cavaleiros?”*

contrária às leis da justiça, pois morre sem culpa; contrária à beleza — trata-se de um crime de lesa-beleza; a “linda Inês” ficará sendo a “pálida donzela” por quem a própria natureza chorará. (III, 135) Mas o verdadeiro responsável pela morte de Inês é o Amor, assumido como destino trágico:

*“Tu, só tu, puro Amor, com força crua (...)*

*Deste causa à molesta morte sua (...)* (est. 119)

#### **4. O “baxo amor”**

Mas outro tipo de amor é perspectivado por Camões e que se manifesta, quer nas considerações sobre os amores ilícitos de D. Fernando, quer ainda no episódio do Adamastor e nas considerações sobre os que estão em revolta contra Cupido (IX 25-29) Também este “baixo amor” que “os fortes enfraquece” é uma força poderosa e totalizante — ele vai corromper D. Fernando e ameaçar o reino, vai perder o Adamastor e provocar a ira de Cupido. Mas, diz Camões, nada se pode contra o seu poder imenso:

*“Mas quem pode livrar-se porventura*

*Dos laços que Amor arma brandamente*

*Entre as rosas e a neve humana pura,*

*O ouro e o alabastro transparente?”* (III, 142)

**Em suma: sublime ou “baixo”, o Amor é visto como um destino, muitas vezes trágico, que se impõe aos homens.** Que impulsiona para o bem, para a realização, para a grandeza, se devidamente orientado. Por isso, Vénus protege os portugueses, por isso lhes prepara a suprema realização espiritual (serem senhores do Tempo e do Espaço), através das ligações eróticas com as ninfas. E se Gama consegue ser amado por Tethys (que se negara ao Adamastor), é porque o Gama sabia amar devidamente mais o que devia realizar do que a si mesmo, o que não sucedera com o Adamastor.